



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

O JOVEM E O SEU LUGAR NO ESPAÇO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

Thaysi Poliani Ribeiro Melo¹

O presente trabalho pretende elucidar questões sobre a juventude e sua inserção no mundo capitalista diante das novas configurações sociais e produtivas do sistema vigente. Destacando ações que possibilitem desdobramentos acerca das formas de mobilidade e permanências destes jovens no espaço urbano. Tais espaços entendidos como *locus* da ação, seja ela de reprodução ou criação de redes sociais, enfatizando a correlação de forças e possibilidade de rupturas no espaço territorial. Em outras palavras, o objetivo desta abordagem é traçar uma linha de raciocínio acerca da questão da juventude na atualidade, contextualizando o espaço em que está inserida e quais as possibilidades e limites presente em suas ações cotidianas de enfrentamento e mobilização política.

Para tanto, destaca-se a cidade como expressão mais clara das relações de classe, como conceituou Lefebvre (2008). Ela ocupa um lugar de mediação entre o poder político e a sociedade em seu conjunto. Assim, compreendendo o domínio da cidade a primeira experiência de vida pública que os jovens experimentam, eles precisam conseguir criar um sentimento de pertencimento a ela e apropriar-se da mesma, como espaço de direito coletivo, pois estes aspectos serão fundamentais no seu exercício de ação política. A cidade é o local onde as contradições da sociedade se manifestam, não sendo possível dissociá-la dos conflitos de classe, pois este espaço da política é modelado e apropriado de acordo com a ideologia de um determinado grupo social.

O termo urbano só passa a ser aplicado às cidades depois do capitalismo, pois ele se torna o lugar do capital (LEFEBVRE, 2008). O urbano hoje é sobretudo a criação e reprodução do espaço das classes médias no Brasil, enquanto as classes populares “são

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora; thaysi_ribeiro@hotmail.com



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

negadas quanto agentes políticos na estrutura política e no aparelho do Estado” (OLIVEIRA, 2007).

De acordo com Lefebvre (2008) o espaço está essencialmente ligado à reprodução das relações sociais de produção. O espaço da produção implicaria e conteria em si a finalidade geral, a orientação comum a todas as atividades na sociedade capitalista, uma espécie de esquema num sentido dinâmico comum às atividades diversas, aos trabalhos divididos, à cotidianidade, às artes, aos espaços efetuados pelos arquitetos e pelos urbanistas. É o espaço onde a conexão coercitiva se efetua por meio de um sistema de acesso às partes deslocadas: o espaço, ao mesmo tempo informe e duramente constrangedor das periferias e dos subúrbios; onde os cortiços, as favelas, as cidades de urgência completam os subúrbios residenciais; onde as normas reinam, prescrevendo as utilizações do tempo, enquanto se devota ao espaço toda espécie de discursos, interpretações, ideologias e valores “culturais”, artísticos.

Em relação aos jovens pobres, estes vivem a cidade de forma restrita e desigual, sendo suas chances de realizar ou influenciar a ação, o público e a própria política, ínfimas, como afirma Cassab (2009). Essa restrição, determinada pelos mecanismos de desigualdade social e de distinção territorial, possibilita certa naturalização de sua condição de invisibilidade. Sua presença na cidade é pouco tolerada. A eles são reservados fragmentos da mesma, o que dificulta a possibilidade da apropriação não apenas dos bens materiais como também dos investimentos simbólicos do próprio espaço.

A acessibilidade aos locais é, muitas vezes restrita pelo auto custo, do transporte, dos espaços de lazer, assim como pela violência policial ou rivalidades entre os grupos; o estabelecimento de uma rede de relações sociais e de uso do território urbano por estes jovens, possibilitam a reprodução da existência de uma forma desigual, dada pelo acesso restrito à cidade, como já foi visto. Uma vez que, existem no espaço urbano lugares onde os jovens podem estar e aqueles onde sua circulação deve ser impedida, ficando prisioneiro do lugar, dos preços e das carências. Estes elementos exemplificam o que Balbim (2007) chama de mobilidade ou fluxo e permanência ou fixo. São estes que estruturam o cotidiano de cada lugar, e está estritamente relacionado ao uso que cada um faz de suas redes de sociabilidade.

À medida que os jovens ficam restritos às suas áreas de convivência, sua capacidade de questionamento e de vislumbrar outras possibilidades, também se restringe. Uma vez que sua apropriação do espaço será cada vez menor, seu fluxo limitado ao local de moradia, à



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

escola e ao trabalho e quando muito aos poucos espaços de lazer que tem acesso. Sua rede de sociabilidade sendo condicionada por esta apropriação e este acesso, também não apresentará mudanças, tornando-se algo estático, fixo. E como afirma Balbim (2003, p. 171), “o cotidiano se enriquece com o desenvolvimento da informação e da comunicação”. Consequentemente a formação deste jovem como sujeito político na apropriação do espaço público também fica comprometida.

Toda organização social apresenta limites em sua formação, e muitos destes limites estão relacionados ao conjunto de regras que são criadas e que reforçam o arranjo político-ideológico do capitalismo. Mas, então qual a possibilidade que se vislumbra diante deste quadro que foi traçado? Há para os jovens, espaços de ação que possa proporcionar maior mobilidade e ampliar sua rede de sociabilidade ao invés de restringir ainda mais seus fluxos e demonizar suas formas de expressão?

Frente a estes questionamentos, vale ressaltar que, dentro destes espaços “da regra” criam-se os “contra-espços”, que segundo Moreira (2007) são manifestações da dialética do privado e do público, nos quais os conflitos se expressam recortando o território. “De modo que falar da relação entre espaço e recorte é uma forma teórica geral de falar da relação entre espaço e território” (MOREIRA, 2007). O território é o lugar onde as classes sociais se organizam e existe a possibilidade de valorização da ação política, sendo assim um espaço em constante movimento. Movimentos estes que possibilitam à classe oprimida a construção de situações de sobrevivência nos mais adversos contextos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALBIM, R. A quinta dimensão do espaço cotidiano e práticas espaciais. In: SOUZA, M. A. A. de (org.). **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas. Edições Territorial, p. 154-173, 2003.

CASSAB, M. A. T. Processo de subjetivação da juventude na contemporaneidade: ação política em tempos de não política. In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). **Juventude e Contemporaneidade: desafios e perspectivas**. 1 ed. Goiânia: Canone Editorial, v. 1, p. 183-198, 2009.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

LEFEBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MOREIRA, R. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, M. et al. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 72-108.

OLIVEIRA, F. Política numa Era de Indeterminação: opacidade e reencantamento. In: OLIVEIRA, F.; RIZEK, C. S. **A Era da Indeterminação**. São Paulo. Boitempo, p. 15-45, 2007.